

Anna Paula Uziel

Luís Felipe Rios

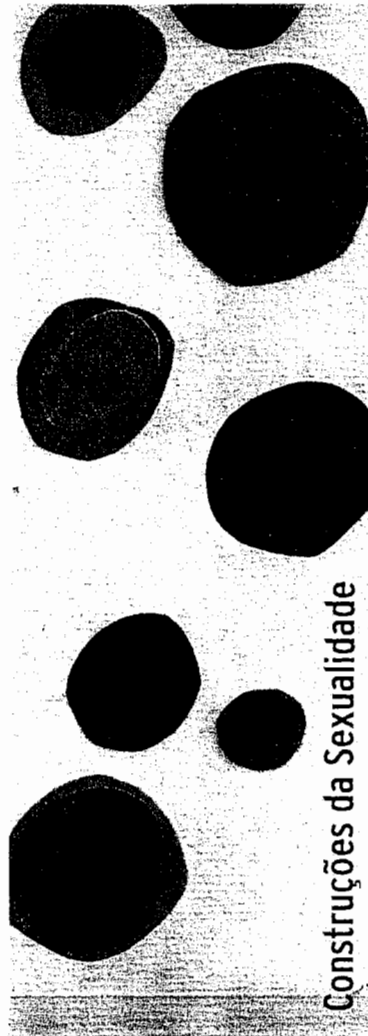
Richard Guy Parker

organizadores

organizadores Anna Paula Uziel Luís Felipe Rios Richard Guy Parker

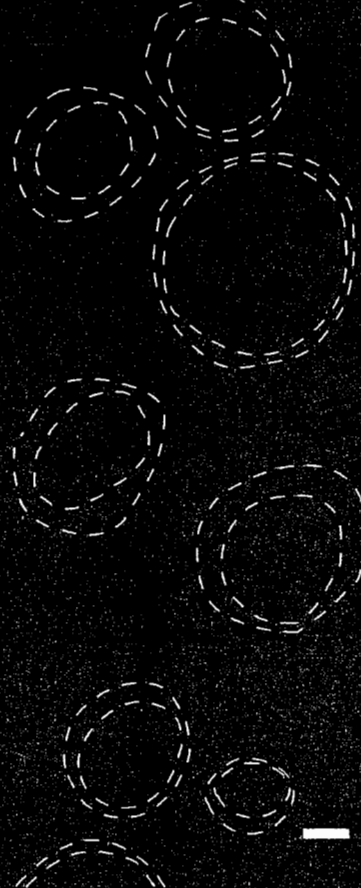
Construções da Sexualidade

Gênero, identidade e comportamento em tempos de aids



Construções da Sexualidade

gênero, identidade e comportamento em tempos de aids



Anna Paula Uziel

Benjamin Junge

Fernando Seffner

Guacira Lopes Louro

Ivia Maksud

José Ronaldo Trindade

Luís Felipe Rios

Marcos Nascimento

Maria Luiza Heilborn

Regina Facchini

Richard Guy Parker

Rosalina Carvalho da Silva

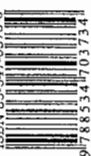
William Siqueira Peres



ABIA

Associação Brasileira de Investigação em Saúde

ISEN 85-347.0373-6



9 788534 703734

Heterossexuais em eventos públicos gays: a "Parada Livre" em Porto Alegre, 2002

Benjamin Junge*

Eventos públicos que celebram a expressão de sexualidades masculinas não-normativas não são novidade no Brasil. A celebração anual, durante o carnaval, de figuras supostamente transgressivas, como as *drag queens* e travestis, por exemplo, tem chamado a atenção de acadêmicos de ciências sociais há décadas.¹ Os anos de 1990, no entanto, presenciaram o surgimento de um tipo completamente novo de evento: o festival de grande porte do "orgulho gay".² Diferentemente do carnaval, esses eventos não são simplesmente espaços para a demonstração de sexualidades não-normativas. A sexualidade normativa é o princípio central de organização que estrutura a variedade de atividades que acontecem e levam indivíduos de orientação sexual normativa e não-normativa a participar. Frequentemente realizados em

* Mestre em saúde pública, Doutorando em Antropologia na Emory University, em Atlanta, Geórgia (EUA). Tema da pesquisa de campo: experiências de gênero e política entre moradores de vila em Porto Alegre. Endereço eletrônico: (bjunge@emory.edu).

1. Ver, por exemplo, DaMatta (1979/1993), Parker (1991), e Green (2000).

2. Aqui uso o termo "orgulho gay" com relutância. Problemas com este uso incluem a tendência a assumir-se que: a) os participantes do evento compartilham uma *identidade* gay e não simplesmente uma atração erótica/afetiva pelo mesmo sexo (o que pode ocorrer na falta de identidade reflexiva); b) que a maioria ou todos os participantes dos eventos são, de fato, gays (um pressuposto que esta análise examinará empiricamente); e, c) que a identidade gay que se pode encontrar em um festival do orgulho gay no Brasil, apesar de muito encontrada, é mais ou menos a mesma encontrada nos Estados Unidos e na Europa. Uma vez que o termo "gay" é cada vez mais entendido como incluindo sexualidades não-normativas entre mulheres, assim como entre homens, o seu uso corre o risco de mascarar diferenças importantes entre as participações de homens e mulheres nesses festivais.

parques ou praças municipais centrais, juntamente com uma parada ou marcha, esses festivais são tipicamente produzidos por organizações não-governamentais (ONGs), que se consideram parte de um movimento *gay brasileiro* – um movimento com conferências, organizações nacionais e ligações internacionais. O evento é geralmente considerado "cultural" (pela típica predominância de shows de *drags*, danças etc.) e "político" (pela presença comum de discursos e marchas tratando de questões de direitos humanos, democracia e violência). Estas últimas questões políticas são particularmente significativas, uma vez que são freqüentemente representadas em uma retórica de cidadania – uma retórica que, apesar de ser ajustada às peculiaridades da sexualidade não-normativa, compartilha de uma lógica parecida à encontrada em discursos de movimentos sociais referentes à raça, ao gênero.³ Isso abre a possibilidade de que representações de cidadania em eventos gays de grande porte possam incentivar uma forma de identificação para os participantes já familiarizados com a cidadania no contexto de outras lutas.

Explicar a proliferação impressionante de eventos públicos gays de grande porte nos últimos anos não é tarefa fácil.⁴ O amadurecimento do movimento *gay brasileiro*, surgido junto a outros movimentos sociais (por exemplo, o movimento de mulheres, o movimento negro etc.) no contexto de uma frente popular de resistência mais ampla (*frente popular*) ao regime militar de 1964-1985 no Brasil e na subsequente redemocratização da sociedade brasileira é, com certeza, um fator importante (MacRae, 1990). O movimento *gay* surgiu em uma relação dialética, no entanto, com o crescimento de referências solidárias como a homossexualidade em várias formas de cultura popular. De linhas secundárias de ação em novelas em horário nobre mostrando relacionamentos gays; à imprensa falada e escrita

coabrindo questões abrangentes como casamento *gay*, direitos de adoção para gays, o "sair do armário" entre adolescentes e bairros gays nas grandes cidades,⁵ brasileiros de origens socioeconômicas e étnicas diversas são cada vez mais expostos a representações/demonstrações de sexualidade homem-homem que pareceriam inconsistentes com o estigma homossexual no qual a lógica de gênero tradicional é freqüentemente baseada. Décadas recentes, além disso, presenciaram o crescimento de "comunidades gays" e subculturas urbanas homossexuais (Parker, 1999). É cada vez mais comum conhecer alguém ou, pelo menos, saber de alguém que se auto-identifica afirmativamente como "gay".

De um lado, o trabalho de incontáveis ONGs que compõem o movimento *gay* no Brasil sem dúvida contribuiu para esta visibilidade crescente. Da mesma forma, a crescente familiaridade com a homossexualidade e o "gayness" como fenômenos caracterizados como tal, com certeza reforçaram o interesse e a participação em festivais públicos gays de grande porte. Um catalisador adicional no crescimento desses festivais tem sido o patrocínio de empresas grandes. Assim como cresceram as comunidades gays no Brasil, também cresceu a percepção de que elas representam um mercado fértil e inaproveitado: um vasto *pool* de consumidores *gay*, alvo para produtos ligados ao imaginado estilo de vida *gay*. O influxo de fundos que essa percepção produziu fez permitir que se fizessem festivais maiores, com mais atrações e melhor divulgação.

Como os eventos de orgulho *gay* de grande porte cresceram, várias pesquisas de opinião foram feitas para que se possa entender com mais clareza a população participante (por exemplo, Bruck de Freitas *et alii*, 1998). Essas pesquisas se dirigiam quase exclusivamente a participantes identificados como gays, o que é compreensível, dado o enfoque do evento, mas de qualquer forma deixando inexplorada a natureza da participação heterossexual e, talvez, mais importante, ao significado associado por estes indivíduos a suas próprias experiências do evento.

Por que um entendimento científico da participação heterossexual em festivais públicos gays seria importante? Duas respostas óbvias, mas sem dúvida importantes, seriam: a) por interesse histórico (isto é, para retratar com precisão os participantes do evento); e, b) por utilidade prática (isto é, para fornecer informações que serão úteis aos organizadores do evento que analisam seu próprio trabalho e consideram preferências públicas para even-

3. Por exemplo, a "Marcha pela Cidadania", em 1995, no Rio de Janeiro, uma parada divulgada nacionalmente, que nas cidades americanas e européias seria provavelmente chamada de "orgulho *gay*", mas, no contexto brasileiro, foi apresentada como, acima de tudo, sobre cidadania (Green, 2000). Placas, faixas e cartazes invocando a cidadania são muito comuns nesses eventos.

4. Além da Parada Livre de Porto Alegre (1997-2002), eventos públicos de grande porte organizados em torno de sexualidades não-normativas têm sido organizados pelo menos nas seguintes cidades brasileiras: Marcha do Orgulho *Gay* de Belo Horizonte (1998-2002); Parada Brasileira do Orgulho *Gay* em Brasília (1998-2002); Parada Livre em Caxias do Sul (2002); Parada do Orgulho *Gay* em Curitiba (2002); Parada pela Diversidade Sexual do Ceará em Fortaleza (2000-2002); Rainbow Fest em Juiz de Fora (1998-2002); Avenida da Diversidade em Pelotas (2002); Parada da Diversidade no Recife (2002); Marcha pela Cidadania no Rio de Janeiro (1995) e Parada da Diversidade no Rio (1999, 2000, 2002); Parada do Orgulho *Gay* em Salvador (2002); Parada GLSBBT em São José do Rio Preto (2001 e 2002); e Parada do Orgulho *Gay* em São Paulo (1997-2002). Festivais e paradas também foram realizados em Goiânia (2002), Goiás (2002) e Itaim Paulista (2002).

5. Ver, por exemplo, Propato (1999), Santos (1999), *Folia de S. Paulo* (2000), Pinheiro (2000) e *Época* (2002).

tos futuros). Um terceiro interesse nessa linha de pesquisa é teórico e se refere ao encontro do normativo com o não-normativo ou, mais precisamente: o que significa para um homem ou uma mulher heterossexual estar em um espaço público em que expressões variadas de sexualidade não-normativa predominam e, na sua absoluta abundância e desembaraço, assumem um caráter normativo. Deste conjunto de questões emergem muitas perguntas importantes: os participantes heterossexuais são um grupo relativamente "progressista" no que diz respeito a questões de homossexualidade? Os heterossexuais participam do evento em termos principalmente "culturais" ou são ligações feitas entre demonstrações de sexualidade não-normativa e questões mais convencionalmente "políticas" de direitos, cidadania e democracia? A experiência é "relaxada" para os heterossexuais? Isto é, estes homens e mulheres vivenciam as formas de diferença sexual que encontram nestes eventos como simplesmente "diversão" ou o encontro é de alguma forma perturbador ou mesmo ameaçador?

Este estudo procura tratar destas questões por meio da análise de dados de pesquisa quantitativa coletados de uma amostragem representativa de participantes da "Parada Livre", um festival organizado em torno da expressão pública de sexualidades não-normativas realizado em 2002, pelo sexto ano consecutivo, em Porto Alegre (RS).

Local da pesquisa

A cidade de Porto Alegre fica situada aproximadamente 300 quilômetros ao norte da fronteira com o Uruguai. Capital do Estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, Porto Alegre tem 1,3 milhão de habitantes e quase o mesmo número na área metropolitana da Grande Porto Alegre (da Costa *et alli*, 2000). Desde 1989, a prefeitura da cidade de Porto Alegre é controlada pelo PT (Partido dos Trabalhadores). Entre outras coisas, o PT se destacou em Porto Alegre pela criação do Orçamento Participativo, uma experiência de democracia participativa muito discutida, que tenta levar o controle dos cofres da cidade mais diretamente para as mãos da população (dos Santos, 1998; Fedozzi, 1999; Abers, 2000). Porto Alegre abriga um rico mosaico de organizações de movimentos sociais, defendendo direitos das mulheres, dos trabalhadores, das pessoas pobres, das pessoas portadoras de deficiência, dos afro-brasileiros e dos homossexuais. Nos primeiros anos da década atual, Porto Alegre também ficou conhecida internacionalmente em grande parte por ser sede do Fórum Social Mundial, como um foco de críticas aos modelos neoliberais de globalização.

A Parada Livre de 2002 foi primeiramente organizada pela ONG Nuanes, que desde 1991 luta contra políticas sociais que restringem a livre expressão sexual⁶ e produz inúmeros eventos públicos e campanhas de intervenção, tendo como alvo indivíduos de orientação sexual não-normativa.⁷

A Parada foi realizada no sábado, dia 23 de junho, no conhecido Parque Farroupilha, também chamado de Redenção, na área central de Porto Alegre. A Redenção é muito freqüentada, principalmente durante os fins de semana, por famílias, casais, idosos e transeuntes de vários tipos. Algumas partes do parque são áreas de *pegajão* masculina, outras são conhecidas como pontos de prostituição masculina. Nas tardes de domingo, um grande número de residentes de áreas vizinhas vai passear pelo brique semanal ou para jogar futebol. Com sua diversidade de freqüentadores, diferentes tipos de pessoas consideram a Redenção o "seu espaço", constituindo-se um lugar onde diversos tipos de pessoas entram em contato.

A Parada de 2002 se consistiu de três atividades principais: a) um festival de dia inteiro (com shows de *drags* e discursos políticos em um grande palco) no meio do parque, cercado por quiosques atendidos por voluntários de várias organizações de movimentos sociais; b) uma parada de fim de tarde pelo parque em direção a um grande largo de concreto onde, c) foi realizada uma festa noturna, *rave*. Os dados relatados neste artigo vêm de questionários aplicados durante o dia no festival, que atraiu um público estimado em 25.000 pessoas.

Objetivos da pesquisa

Os dados foram coletados para tratar de três objetivos básicos: a) para determinar/medir a extensão da participação heterossexual no festival da Parada Livre de 2002; b) para caracterizar os participantes heterossexuais conforme características sociodemográficas; e, c) comparar participantes heterossexuais e homossexuais.

Da mesma forma, o questionário utilizado foi dividido em três grupos básicos de perguntas. O primeiro grupo se referia a variáveis sociodemográficas

6. Por seu enfoque filosófico e organizacional de "livre expressão sexual", a Nuanes difere de muitas ONGs semelhantes de outros lugares do Brasil que promovem princípios como "direitos gay", "orgulho gay", "sair do armário" – ou seja, princípios mais diretamente baseados em uma identidade gay reflexiva.

7. Pela primeira vez nos seis anos de história do evento, a Parada Livre recebeu assistência de planejamento também de outras ONGs. Estes grupos, todos criados recentemente, são: "Legau", um grupo que enfoca sexualidade do mesmo sexo entre mulheres; "Somos", um grupo que tem como objetivo a comunicação e na intervenção centrada na homossexualidade e AIDS; e o "Grupo Gay Gaúcho". Como nota histórica, vale a pena mencionar a criação, um pouco antes da Parada, do "Desobedeça!", um grupo de base de defesa de direitos gays.

básicas (idade, gênero/sexo, raça, residência em Porto Alegre (sim/não), situação familiar, filhos (sim/não), estado civil, escolaridade, prática religiosa/religião e orientação sexual), além de perguntas para saber se o respondente participa de pelo menos um movimento social e/ou do programa do Orçamento Participativo de Porto Alegre. O segundo grupo de perguntas se referia a familiaridade e atitude em relação à AIDS e à homossexualidade. (O respondente conhece alguém com AIDS ou alguém que seja gay? O respondente acredita que a homossexualidade seja um pecado? Ou uma doença? O que o respondente acharia se o professor(a) de seus filhos fosse gay ou lésbica? Ou sobre uma lei aprovando a união civil de gays?) Estas últimas quatro perguntas foram usadas para identificar a presença, na Parada, de indivíduos com atitudes ou opiniões homofóbicas.

O terceiro e último grupo de perguntas se referia à participação e às impressões do respondente em relação à Parada em si, bem como preferências por atividades para paradas futuras. Foi perguntado a cada respondente se ele havia chegado no momento da entrevista (ou se já estava há algum tempo na Parada), se já tinha participado de outras Paradas e se foi ao Parque da Redenção naquele dia *especificamente* para participar da Parada (ou se apenas estava passando por ali). Aos respondentes que foram especificamente para a Parada foi perguntado como descobriram sobre o evento e por que compareceram. A pesquisa também investigou se todos os entrevistados já tinham ouvido a palavra ou o conceito de "cidadania" em um evento gay e, em caso afirmativo, se isto ocorreu na Parada. Em seguida, os respondentes receberam uma lista de palavras (desde explicitamente políticas – por exemplo, democracia – até explicitamente sociais – por exemplo, diversão) e foi pedido que escolhessem as que achavam que se aplicavam à Parada. Por último, foi pedido aos respondentes que indicassem preferências para Paradas futuras em uma lista de quatro opções (show de *drags*, show com músicos locais, discurso político sobre direitos humanos/discriminação e parada/marcha).

Amostragem e métodos

A estratégia de amostragem deste estudo teve como objetivo uma amostra de probabilidade, representativa de uma população mais ampla de participantes do festival Parada Livre durante o dia. O objetivo, então, foi que todos os participantes tivessem igual probabilidade de ser abordados pelos entrevistadores. Este ideal foi operacionalizado da seguinte forma: antes do início da Parada, quatro "zonas de recrutamento" foram identificadas e demarcadas com giz, de forma que ficassem virtualmente invisíveis aos passantes.

Cada zona tinha aproximadamente 1 metro de largura por 3 metros de comprimento e se estendia por uma área de circulação dentro da área do festival. (A suposição por trás dessa decisão foi a de que seria muito provável que a vasta maioria dos participantes da Parada atravessasse pelo menos uma das quatro zonas.) Das 12 às 16 horas (hora oficial de início da marcha), cada uma das zonas ficou sob a responsabilidade de uma das 11 pessoas previamente treinadas em protocolo de recrutamento e administração de questionários. Os turnos de pessoal consistiam na repetição de uma seqüência de atividades estabelecidas. Posicionado a alguns metros da lateral da zona de recrutamento dada, um membro da equipe olharia para seus pés. A seguir, o membro da equipe olharia para a zona de recrutamento e começaria a contar os indivíduos que passavam por ali. A quinta pessoa a cruzar seria então abordada e convidada a participar do estudo.

A participação, conforme era explicado, consistia em responder a um pequeno questionário (processo realizado, em média, em cinco minutos). Não foi oferecido incentivo material, financeiro ou de qualquer outro tipo, e o único critério para uma não aceitação do recrutamento era se o respondente fosse menor de 18 anos. Se o indivíduo recusasse era feita uma anotação em um "registro de recusas", que também incluía o sexo do indivíduo, a idade estimada ("18-30", "31-45", e "acima de 45") e a raça estimada (segundo o formato do censo nacional: "branco", "negro", "pardo", "amarelo" e "índigena"). Essas informações eram coletadas para que fosse possível fazer-se algum tipo de comparação estatística entre indivíduos que aceitavam e recusavam o convite para participar do estudo. Se o indivíduo aceitasse, recebia o questionário preso a uma prancheta e uma caneta. Uma vez que o indivíduo começasse a preencher o questionário, o membro da equipe retornaria à sua zona de recrutamento e recomençaria a seqüência.

Estratégia de análise

As respostas ao questionário foram organizadas em uma planilha do programa de análise estatística SPSS (*Statistical Package for Social Science* 1994). A análise deu-se a partir de distribuições de frequência de variáveis-chave, inicialmente para toda a amostragem e depois comparativamente por orientação sexual ("heterossexual" versus "outra"). Associações entre variáveis de categoria e orientação sexual foram ajustadas pela estatística *chi-square* para tabelas de contingência. Variáveis contínuas (como a idade) foram comparadas usando-se o teste não-paramétrico U de Mann-Whitney Wilcoxon. Para buscar diferenças significativas entre os indivíduos que aceitaram e os que não aceitaram o convite para responder ao questionário, estes dois grupos foram

comparados conforme três variáveis: gênero/sexo, idade e raça. Para recusas, estas variáveis foram estimadas pelo membro da equipe que convidou o indivíduo a participar. Comparações de gênero/sexo, idade e raça também foram feitas entre grupos de indivíduos recrutados com sucesso por cada membro da equipe. Valores *P* menores ou iguais a .050 foram considerados estatisticamente significativos.

Resultados

Ao longo de quatro horas de coleta de dados, 292 indivíduos foram convidados a participar. Destes 292, 176 (60,3%) aceitaram o convite. Todos os 176 indivíduos compõem a amostragem primária da análise apresentada a seguir. Indivíduos que recusaram diferenciavam-se significativamente daqueles que aceitaram o convite apenas em relação à idade, com "recusas" com maior probabilidade de caírem na categoria de idade ">45" (29,6% vs. 13,5%; *p* = .004). Não foram observadas diferenças significativas entre participantes baseando-se em qual membro da equipe fez o convite para participar.

Características da amostragem

Características sociodemográficas dos 176 indivíduos que responderam ao questionário são apresentadas na Tabela 1. Segue aqui um resumo simplificado. A idade média da amostra foi de 33,1 anos (desvio padrão: 10,9), havendo uma ligeira tendência da presença de mais respondentes homens que mulheres (54,6% vs. 45,4%). A maioria dos respondentes era de brancos (83,1%), solteiros (66,9%), católicos (63,4% dos 112 respondentes religiosos praticantes) e heterossexuais (52,1%). Deles, 31,4% tinham filhos. O tipo mais comum de situação domiciliar era "com pais/família" (31,8%), seguido de "mora sozinho" (25,6%), morando com "marido/mulher/filhos" (22,7%) e "morando com companheiro(a)" (10,8%). Menos de 28,4% participavam de pelo menos um movimento social e menos de um quinto (15,9%) participavam do Programa do Orçamento Participativo de Porto Alegre.

No que diz respeito a AIDS e homossexualidade (ver Tabela 2), aproximadamente dois quintos (43,2%) têm um amigo, parente ou conhecido com AIDS, e três quartos (77,3%) conhecem alguém que seja gay, lésbica ou travesti. No que diz respeito a atitudes ou opiniões homofóbicas, menos de um décimo dos respondentes acredita que a homossexualidade seja um pecado (6,2%) ou uma doença (8,2%); a maioria (88,8%) dos respondentes não se importaria se seus filhos tivessem um professor(a) gay ou lésbica e achariam "ótima" uma lei que aprovasse a união civil de gays

(66,3%) – 13,6% selecionaram uma resposta homofóbica a pelo menos uma das perguntas anteriores.

Conforme está registrado na Tabela 3, a maioria dos respondentes (72,7%) tinha chegado na Parada um pouco antes de responder ao questionário e cerca de um terço dos respondentes (34,3%) já havia participado de uma Parada Livre antes. Para aproximadamente três quintos (61,9%) dos que foram ao parque especificamente para participar da Parada, os meios mais comuns pelos quais ouviram falar sobre o evento foram televisão, jornal ou rádio (46,7%). Os motivos mais populares citados para o comparecimento na Parada foram "para me divertir e assistir aos shows" (55,0%), "para lutar contra o preconceito" (41,3%), "para encontrar os amigos" (35,8%), "para observar" (33,0%) e "para paquerar/flertar, para namorar" (18,3%). Um pouco menos de dois quintos dos respondentes (38,7%) já tinham visto a palavra ou o conceito de "cidadania" ser usado em um evento gay e, destes indivíduos, 60,3% viram esta associação na Parada Livre de 2002. Quando pedidos para escolherem uma palavra que associassem à Parada, a partir de uma lista de palavras predefinidas, as cinco opções preferidas foram "direitos humanos" (63,6%), "cidadania" (52,8%), "democracia" (51,1%), "movimentos sociais" (49,4%) e "diversão" (42,0%). A primeira opção mais comumente selecionada para uma atividade em paradas futuras foi "show de drags" (33,1%), ainda que outras opções (show de músicos locais, discurso político e parada/marcha) tenham sido escolhidas em número pouco menor (27,6%, 24,5% e 14,7%, respectivamente).

Diferenças significativas entre participantes heterossexuais e outros

A análise comparativa procurou diferenças estatisticamente significativas para cada variável mencionada na seção anterior, entre respondentes que se auto-identificaram como "heterossexuais" versus qualquer uma das outras três categorias mencionadas no questionário "gay/lésbica/homossexual", "bissexual" e "prefiro não definir". Uma vez que cada uma dessas categorias significa uma orientação sexual que é não-normativa no âmbito da uma sociedade brasileira como um todo, a comparação ("heterossexual" vs. "outra") tem como objetivo revelar diferenças ao longo do eixo da normatividade da orientação sexual.

No que diz respeito a características sociodemográficas (Tabela 1), diferenças significativas entre heterossexuais e não-heterossexuais foram as seguintes: respondentes heterossexuais tinham *mais probabilidade* de ser mulheres (56,3% vs. 34,%, *p* = .004) ou de ter filhos (35,6% vs. 20,3%, *p* = .028) e *menos probabilidade* de ser solteiros (59,3% vs. 78,8%, *p* = .036) ou de participar de pelo menos de

um movimento social (21,8% vs. 36,3%, $p=.040$). Não foram observadas diferenças significativas em outras variáveis.

No que diz respeito às variáveis relatadas na Tabela 2, os heterossexuais tinham um pouco *mais de probabilidade* que os não-heterossexuais de declarar que consideravam a homossexualidade um pecado (8,5% vs. 1,4%, $p=.044$), apesar de bastante incomum entre os grupos. Tinham *menos probabilidade* de não ver "problema" se seus filhos tivessem um professor(a) gay ou lésbica (81,3% vs. 94,6%), e *menos probabilidade* de considerar "ótima" a possibilidade de uma lei que aprovasse a união civil de gays (54,4% vs. 81,1%, $p=.002$). Os heterossexuais tinham mais probabilidade de citar pelo menos uma atitude ou opinião homofóbica (17,1% vs. 6,9%), mas a diferença praticamente não atingiu significância estatística ($p=.059$).

No que diz respeito a participação, impressões e preferências na Parada (Tabela 3) os participantes heterossexuais tinham *mais probabilidade* que os não-heterossexuais de encarar a Parada como um lugar de "diversão" (44,8% vs. 28,8%, $p=.032$). Tinham menos probabilidade de ter participado de uma Parada anterior (25,0% vs. 46,8%, $p=.004$), de ter ido ao parque naquele dia especificamente para participar da Parada (41,4% vs. 87,5%, $<.001$), de ter citado "paquerar/namorar" como razão para ter ido à Parada (8,3% vs. 24,3%, $p=.047$), e de encarar a Parada como local para "paquerar" (11,5% vs. 23,8%, $p=.037$). No que diz respeito a atividades preferidas para paradas futuras, proporções aproximadamente iguais de respondentes heterossexuais e não-heterossexuais citaram "show de *drags*" e "parada/marcha" como preferências (30,0%, 32,4% e 11,4%, 12,7%, respectivamente). Contudo, era *menos provável* que participantes heterossexuais citassem "discurso político sobre direitos humanos/discriminação" (14,3% vs. 38,0%) e *menos provável* que citassem "show de músicos locais" (42,9% vs. 14,1%). O valor P de todas essas diferenças foi de .001.

Discussão de resultados

A amostragem

É uma questão complicada estimar a extensão em que os padrões refletidos no conjunto primário de dados de 176 questionários podem ser generalizados para um grupo mais amplo de participantes da Parada. Apesar de dois em cada cinco indivíduos convidados a participar terem recusado o convite, os indivíduos que recusaram parecem ser pouco diferentes (mais velhos, na realidade) do que os que aceitaram. Essa diferença pode estar ligada ao fato de a idade dos que recusaram ter sido *estimada* pelos membros da equipe e

não fornecida pelo próprio indivíduo (como acontecia com os recrutados). Por outro lado, também pode ser que participantes mais velhos da Parada tenham ficado realmente mais relutantes em responder a perguntas sobre o evento, talvez por um sentimento mais geral de desconforto com o cenário como um todo (e todas as suas demonstrações de sexualidade não-normativas) do que gerações mais jovens. Essa possibilidade deve ser encarada como uma hipótese a ser explorada em pesquisas subsequentes. A falta de diferenças entre indivíduos recrutados por 11 membros diferentes da equipe sugere que a incômoda estratégia de coleta de amostras reduziu com sucesso influências subjetivas. Apesar de não serem definitivas de forma alguma, essas observações, consideradas como um todo, aumentam a confiança na representatividade da amostragem.

Predominância de participantes heterossexuais

Além da importância histórica de retratar acuradamente a população participante da Parada Livre de 2002, a análise de uma amostragem primária de 176 respondentes eliciou algumas descobertas importantes. Para começar, é surpreendente que mais da metade da amostragem seja heterossexual, uma descoberta que desafia o pressuposto comum de que o público participante em um evento "gay" seja, de fato, predominantemente gay. No mínimo, essa constatação confirma a necessidade de um maior entendimento de como eventos públicos de grande porte são vividos pelos heterossexuais. Também é interessante considerar a predominância de indivíduos que "apareceram" na Parada, mas que não planejaram participar inicialmente (2 em cada 5); se a estimativa oficial de 25.000 participantes puder ser considerada mais ou menos precisa, essa constatação implica que talvez cerca de até 10.000 indivíduos tenham sido "involuntariamente" expostos às várias demonstrações de sexualidade não-normativas da Parada. Dados estes números (mesmo que estimados imprecisamente), a questão de como eles interagem com estas demonstrações torna-se cada vez mais atraente.

Características sociodemográficas

Dadas as barreiras legais para casamentos não-heterossexuais e a criação de filhos em famílias não tradicionais, não é surpresa que as diferenças ao longo desses eixos tenham sido estatisticamente significativas quando divididas por orientação sexual. A maior proporção de homens entre não-heterossexuais (vs. heterossexuais) provavelmente diz mais sobre o primeiro do que o último. Isto é, o fato de que proporcionalmente mais participantes não-heterossexuais sejam homens sugere que, seja por que razão, o even-

to atrai com mais sucesso mulheres heterossexuais do que mulheres que se identificam como lésbicas ou bissexuais. As mulheres heterossexuais parecem sentir-se mais atraídas por este tipo de evento do que os homens heterossexuais. No entanto, a presença masculina é significativamente maior, quando se trata de não-heterossexuais. A descoberta de que proporcionalmente menos heterossexuais declaram ter participado de pelo menos um movimento social sugere que participantes gays, lésbicas e bissexuais podem, como um todo, representar um grupo mais "politicizado". Entretanto, dada a proporção de participantes em movimentos sociais em ambos os grupos ser bastante baixa (aproximadamente 1 em cada 5 e 1 em cada 3 para heterossexuais e não-heterossexuais, respectivamente), uma forma melhor de expressar isto seria talvez dizer que os participantes não-heterossexuais são ligeiramente menos "não-políticos" do que os heterossexuais.

Homossexualidade & Homofobia

Conforme mencionado anteriormente, 13,6% dos respondentes selecionaram uma resposta homofóbica em pelo menos uma das perguntas desta seção. Considerando este valor como um indicador grosseiro, podemos estimar que aproximadamente um em cada 10 participantes tinha uma atitude ou opinião homofóbica.⁸ A idéia específica de que a homossexualidade é um pecado é mais comumente registrada entre heterossexuais. Curiosamente, entretanto, não houve diferença entre heterossexuais e não-heterossexuais no que diz respeito à opinião de que a homossexualidade seja uma doença.

De fato, os dois grupos compartilharam da mesma proporção de respostas afirmativas (entre 6% e 9%). Isto sugere que pelo menos alguns não-heterossexuais associam mais facilmente homossexualidade a doença do que a pecado. Ainda que o número absoluto de indivíduos que acreditam que seja um ou outro seja bastante reduzido, esta discrepância aparente indica uma área potencialmente rica para investigações adicionais.

A ausência de diferença entre heterossexuais e não-heterossexuais no que diz respeito a conhecer alguém com AIDS ou alguém que seja gay, lésbica ou travesti sugere que os primeiros não estão menos familiarizados com a AIDS e a homossexualidade do que os últimos. No caso da homossexualidade, no entanto, a familiaridade proporcionalmente similar não se traduz necessariamente em um nível similar de "conforto". De fato, o

8. Surpreendentemente, uma reanálise *ad hoc* desses dados feita por tabulação cruzada com a afirmação de participação na Parada ter sido ou não intencional não mostrou diferenças significativas. Em outras palavras, indivíduos heterossexuais ou não, que surgiram no evento por acaso, não eram mais propensos a ter atitude ou opiniões homofóbicas do que aqueles que foram à Parada intencionalmente.

desconforto ou a não aceitação da possibilidade de um professor(a) gay ou lésbica para os filhos foram registrados em proporção notavelmente mais alta por participantes identificados como heterossexuais.

Participação na Parada, Impressões & Preferências

A descoberta de que, para a amostragem geral de 176 respondentes, aproximadamente um terço participou do evento em anos anteriores, sugere que a Parada Livre continua a ser uma *nova* experiência para a maioria dos participantes. Não é surpresa que isto se dê mais com heterossexuais do que com não-heterossexuais. Da mesma forma, para os heterossexuais, a probabilidade de terem ido à Parada intencionalmente e não por acaso era menos da metade do que para os não-heterossexuais. Para indivíduos que foram ao Parque especificamente para participar da Parada, a constatação de que os respondentes heterossexuais selecionaram com menos frequência "paquerar/namorar" como razão por ter vindo, e também com menos frequência vendo o evento como um lugar de "paquera/flerte", sugere que é menos provável que a Parada Livre seja encarada pelos heterossexuais como sendo um espaço romântico ou sexualizado.

A experiência de ter visto o conceito de "cidadania" invocado em um evento gay anterior foi mencionada por menos de dois quintos da amostragem geral. Esta constatação sugere que, no momento de chegada na Parada Livre de 2002, uma minoria de participantes conscientemente associava sexualidade não-normativa com questões de cidadania. Dito isto, entretanto, o fato de três quintos dos respondentes que anteriormente fizeram esta ligação afirmarem ter visto "cidadania" ser invocada na Parada de 2002 sugere que o evento é um espaço importante para a promoção desta ligação (pelo menos em nível de discurso público).⁹ A ausência de diferença entre heterossexuais e não-heterossexuais no relato dessa conexão (aproximadamente 60% em ambos os grupos) sugere que participantes heterossexuais eram tão "abertos" quanto os não-heterossexuais para ver e cognitivamente registrar uma associação entre homossexualidade e cidadania.

Um certo paradoxo parece ter surgido com estes dados. A minoria dos respondentes relatou uma associação anterior entre homossexualidade e cidadania. E, ainda assim, quando lhes foi oferecida uma lista com 10 pa-

9. Questões de recordação podem ser importantes, pois não temos como saber se participantes que encontraram discurso de "cidadania" na Parada realmente recordarão o fato.

lavras opcionais para associar com a Parada 2002, "cidadania" foi marcada por mais da metade (52,8%). De fato, 81,8% dos respondentes marcaram "cidadania" ou um conceito estreitamente relacionado como "política", "direitos humanos" ou "democracia". Isto pode ser parte de um artifício do próprio questionário, que pergunta sobre familiaridade anterior com "cidadania" em eventos gays *antes* de pedir ao respondente que marque as palavras associadas com o evento ("cidadania" sendo uma opção da lista fornecida). Devido à sua estrutura organizacional, então, o próprio instrumento da pesquisa pode ter promovido a ligação, na cabeça dos respondentes, entre homossexualidade e cidadania. Esta incongruência pode também indicar as limitações inerentes a uma abordagem quantitativa para determinar/afetar associações subjetivas complexas.

No que diz respeito a preferências de atividades para paradas futuras, respostas para a amostragem como um todo revelaram que "show de *drags*" foi a opção mais popular – mas apenas ligeiramente mais popular do que um show com músicos locais e um discurso político sobre direitos humanos e discriminação. A tabulação–cruzada por orientação sexual mostrou-se ser útil, pois constatamos que era substancialmente menos provável que heterossexuais citassem discurso político como primeira opção de preferência e mais provável que sugerissem shows com músicos locais. Embora não seja absolutamente conclusiva, esta constatação sugere uma relativa falta de interesse nas dimensões políticas para sexualidades não–normativas; ou talvez um discurso político seja visto por alguns heterossexuais como contrário à atmosfera "festiva" do evento.

Conclusões

Esta análise tentou caracterizar os participantes do festival Parada Livre de 2002 de Porto Alegre, com atenção particular às diferenças entre participantes que se identificaram como heterossexuais *versus* indivíduos identificados como "gay/lésbica/homossexual", "bissexual" ou que selecionaram "prefiro não definir".

Esta análise e a interpretação de seus resultados foram submetidas a uma série de limitações importantes. Primeiramente, devemos lembrar que este estudo não foi elaborado para avaliar as implicações de longo prazo da participação na Parada Livre de 2002 de atitudes individuais sobre questões de sexualidade em relação a AIDS, cidadania etc. Mais propriamente, a abordagem transversal usada permitiu que se tivesse um *snapshot* dos participantes, revelando muito pouco sobre mudanças ao longo do tempo. As perguntas formuladas para determinar a predominância de atitudes e opiniões homofóbicas são, além disso, limitadas por sua dependência de um formato de situação hipotética – pedin-

do ao respondente que imagine como reagiria frente a uma situação hipotética dada –, o que pode induzir a uma resposta socialmente desejável. (Isto é, o entrevistado pode responder de forma a dar boa impressão ao pesquisador ou a si mesmo.) Em segundo lugar, o quadro de amostras deste estudo não apresenta uma forma de identificar se os participantes heterossexuais representativos da Parada são da população heterossexual maior de Porto Alegre ou de outras cidades brasileiras. Em terceiro lugar, estes dados não oferecem muito entendimento da *experiência sentida/vivida* de participar da Parada, isto é, como é mover-se no espaço físico do evento como uma pessoa heterossexual ou não–heterossexual. Por fim, a dimensão de gênero – como homens heterossexuais diferem de mulheres – ficou largamente inexplorada, basicamente devido a restrições de tamanho de amostragem.

Considerados como um todo, no entanto, estes dados sugerem certos padrões entre participantes heterossexuais, especificamente ao revelar que eles são ligeiramente menos engajados politicamente em termos de participação em movimentos sociais, mas não menos propensos a ver a Parada em termos de cidadania, direitos humanos ou democracia. Os participantes heterossexuais são, além disso, ligeiramente menos "gay-positivos" em alguns aspectos (por exemplo, aceitar que o filho tenha um professor(a) gay ou lésbica), mas não mais significativamente "homofóbicos" e não menos propensos do que não–heterossexuais a conhecerem alguém que seja gay, lésbica, travesti ou soropositivo.

Agradecimentos

O autor agradece à Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) pela oportunidade de ter participado do seminário que deu origem a este livro. Da mesma forma, agradece às seguintes pessoas pela assistência generosa no desenvolvimento conceitual e na aplicação do questionário, assim como na interpretação das conclusões da pesquisa: Célio Golin, Glademir Lorenzi, Perseu Pereira, Luis Gustavo Weiler, Alexandre Böer, Fernando Seffner, Michael Baran, Bruce Knauff e Jeffrey Lesser.

Heterossexuais em eventos públicos gays: A "Parada Livre" em Porto Alegre, 2002

Referências bibliográficas

- ABERS, R. *Inventing Local Democracy: Grassroots Politics in Brazil*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000.
- DA COSTA, B.M. *Relatório de Indicadores Sociais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, Secretaria do Governo Municipal, 2001.
- DA MATTA, R. *Carnavais, malandres, e heróis*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1979.
- _____. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1993.
- DOS SANTOS, B. "Participatory budgeting in Porto Alegre: toward a redistributive democracy", in: *Politics and Society*, n.26, p.461-510, 1998.
- ÉPOCA. "Chicão e o futuro da família", 4 de janeiro de 2002.
- FEDOZZI, L. *Orçamento Participativo*. Porto Alegre: Tomo Editorial Ltda e FASE, 1999.
- FOLHA DE S. PAULO. "Parada gay reúne 100 mil em SP", p. A1. São Paulo, 2000.
- GREEN, J.N. *Beyond Carnival: Male Homosexuality in Twentieth-Century Brazil*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.
- MÁCRAE, E. *A Construção da igualdade*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, 1990.
- NUANCES; DRUCK DE FREITAS, K. "Pesquisa comportamental: homens que fazem sexo com homens", in: *Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*. Ed. R. G. PARKER, V. TERTO Jr., p. 89-97. Rio de Janeiro: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, 1998.
- PARKER, R. G. *Boites, Pleasures, and Passions: Sexual Culture in Contemporary Brazil*. Boston: Beacon Press, 1991.
- _____. *Beneath the Equator: Cultures of Desire, Male Homosexuality, and Emerging Gay Communities in Brazil*. New York: Routledge, 1999.
- PINHEIRO, D. "Pai, eu sou gay", in: *Vêja*, n. 1636, p.104-11. 16 de fevereiro, 2000.
- PROPATO, V. "Meus Pais Sabem", in: *Istoá*, 28 de junho, pp. 67-72, 1999.
- SANTOS, M.F.S. *A AIDS: sob a perspectiva da responsabilidade civil*. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

Tabela 1
Características sociodemográficas
& participação política (N=176)

Variável	N	%
Idade	33,1	10,9
Sexo		
masculino	95	54,6
feminino	79	45,4
Raça		
branca	143	83,1
negra/parda	25	14,5
outra	4	2,3
Reside em POA*?		
sim	147	84,0
país/família	56	32,6
cônjuge/filhos	40	23,3
companheiro(a)	19	11,0
amigo(a)	12	7,0
sozinho(a)	45	26,2
sim	55	31,4
solteiro(a)	117	66,9
separado(a)	18	10,3
casado(a)	36	20,6
viúvo(a)	4	2,3
Nível de escolaridade mais alto		
primeiro grau	15	8,7
segundo grau	65	37,6
superior incompleto	65	37,6
superior completo	28	16,2
sim	112	63,6
Religião praticante?		
Católica	71	63,4
Protestante	1	0,9
Espírita	21	18,8
Candomblé/Umbanda	9	8,0
Judaica	3	2,7
Evangélica	7	6,3
heterossexual		
gay/homossexual/lésbica	87	52,1
bissexual	59	35,3
prefere não definir	12	7,2
sim	9	5,4
Participa de movimento social?		
sim	50	28,4
Participa do Programa de Orçamento Participativo?		
sim	28	15,9

*POA: Porto Alegre.

Tabela 2
AIDS & Homossexualidade
(n = 176)

Variável	n	%
Conhece alguém com AIDS?	76	43,2
Conhece alguém que seja GLT*?	136	77,3
Atitude se o filho tivesse professor(a) gay ou lésbica	142	88,8
	15	9,4
	3	1,9
Opinião em relação a uma lei que aprove união civil gay	106	66,3
	48	27,3
	6	3,4
Acha que a homossexualidade é um pecado?	10	6,2
Acha que a homossexualidade é uma doença?	13	8,2
Selecionou uma resposta homofóbica a pelo menos uma das quatro perguntas	21	13,6

*Gays, Lésbicas e Transgêneros.

Tabela 3
Participação, Impressões & Preferências
(N=176)

Variável	N	%	
Recém-chegou à Parada?	125	72,7	
Participou das últimas Paradas?	57	34,3	
Veio hoje especificamente para assistir à Parada?	109	61,9	
Fonte de informação a respeito da Parada	TV/jornal/rádio	50	46,7
	amigos	36	33,6
Para aqueles que responderam sim (n = 109)	Grupo Nuances	18	16,8
	Outro	3	2,8
	para se divertir, assistir aos shows	60	55,0
Razões para ter vindo à Parada	para lutar contra o preconceito	45	41,3
	para encontrar os amigos	39	35,8
	para observar	36	33,0
Já viu a palavra ou o conceito "cidadania" invocados em um evento gay?	para paquerar/flertar, namorar	20	18,3
	sim	58	38,7
Para quem respondeu sim (58):	Viram na Parada Livre 2002?	35	60,3
A Parada é um cenário de	direitos humanos	112	63,6
	cidadania	93	52,8
	democracia	90	51,1
	movimentos sociais	87	49,4
	diversão	63	42,0
	política	55	31,3
	cultura	74	35,8
	comunidade	43	24,4
	paquera/namoro	31	17,6
	show de <i>drags</i>	54	33,1
Primeira opção de atividades para Paradas futuras	show de músicos locais	45	27,6
	discurso político sobre direitos humanos/discriminação	40	24,5
	parada/marcha	24	14,7